



MicroConta de Ouro

# NÚMEROS

Recebidos: **5695**

Selecionados: **183** — *dos quais:*

Semifinalistas: **142**

Finalistas: **38**

Premiados em dinheiro: **3** — *dos quais:*

“MicroConto de Ouro”: **1**

# SEMIFINALISTAS

*Lista: título e autor*

<b>Título do microconto</b>	<b>Nome do autor</b>	<b>Sobrenome do autor</b>
1996	Mariana	Branco Pereira
A adaga de São Pedro	Vinícius	Gehling
A amputação	Alexandre	Werneck
A Feijoada	Ricardo	Bahia Rachid
A mãe	Maria Amélia	Assis Alves Crivelente
A máquina assombrada	José Américo	silvares costa
A MISCIGENAÇÃO	Marcus Vinícius	de Moraes
A pérola encantada	Ana Carla	Macedo
A pipa no céu	Marilú Guidotti Ribeiro	Guidotti
A Sagrada Família	Marcus Vinícius	de Moraes

ABOBRINHAS	EMERSON	FREITAS BRAGA
Aconteceu silenciosamente.	Alessandro	Anjos Inácio
ADOLESCÊNCIA	MARCELO	DA SILVA RIBEIRO
ADULTÉRIO	Francidalva	Araújo Guzzon
Alvío	Caio	Cesar do Amaral
Alto teor de colesterol	Michael	Trevisan Leitão
Amor cotidiano	YURI	FERNANDES FERRAZ LARA DE LIMA
Aqui ó	Dione	Gumes Portella de Almeida
As Senhoras da Costura	Guilherme Henrique	Alves Matias
Ausência	JERONIMO	DE ALMEIDA NETO
Biografema	Maria Cristina	Martins

Caçada	Thiego	Milério
Café Requentado	Ana	Victorazzi
Cavalo	GILSON VERANI	FREITAS DE CAMARGO
Cidade Autônoma da Solidão	Luiza	Dias Correa
CIÚME	MARCELO	DA SILVA RIBEIRO
Cócegas em mim mesmo	Luiz Henrique	Dourado
Cocorote de Natal	Cristhiane	Ferreguett
Como nasce um fantasma	Lia Gabriele	Magalhães Regius dos Reis
Consolo	Fabiana Cristina	Silveira Bueno Guimarães
CONTOS	Vinícius	Moder
CONTRASTE	Maria de Fátima	Nunes
Corpo	Juliana	Calafange

Corpos líquidos.	Luiza	Nobre Pinheiro Montandon Borges
Criei	Raquel	Ramos Romani
Croniqueta do transporte público	Rafaela Aparecida	Schendroski Silva
Cultura	CRISTIANO	SIQUEIRA
De como acabei sozinho	Alexandre	Alderete Alves
De Peito Aberto	Adilson	Bastos de Castro
Denúncia	Darci	da Cunha
Deusa ex ótica	Eduardo Antonio	Ramos Silva
DIGNO	Márcia	Chagas Kondratiuk
Dilema	Thaíssa	Diogo Gonçalves
Doida para cantar	Margit	Krause
Dois na clareira	Gil Marcel	Cordeiro Iancoski

Domas	Eduardo	Pacheco Santos
É gradual, é devastador	Miriã	dos Santos Araújo
ELÃ	EMERSON	FREITAS BRAGA
Escorpião	Clara	Viana Lage Meirelles
Esquecimento	Antonio P.	Pacheco
Estiagem	Mauro André	Oliveira
EXPECTATIVA	Joselma	Noal
FAMÍLIA	Paulo	Madureira
Farra natalina	Tiago	Vasconcelos
Garantia	Amanda	Kristensen de Camargo
Indecisão	Geraldo Magela de Faria	Faria
Invenção	Luiz Felipe	Moreira lima

Irene, 1971	Patrícia	Coutinho Rangel da Silva
Jogos de Azar	ANILTON	CANDIDO TRANCOSO
Khalid	Leandro	Silveira Fleck
Lápide sincera	Yuit	Distéfano Odaguiri Enes Oliveira
Linguagem múltipla	Giovani	Roehrs Gelati
Linguagem Universal	Camila	Vital Menegaz Handschunch
LinkedIn	Marcela Célia	Domiciano Ribeiro
Luíza e o gatinho	Bruno Luiz	Signori
Luiza, mãe das Marias	Emmanuelle	Silva
Mariposas, 1958	Daniel Salomão	Roque

Melancolia da vagina	MARIA DE FÁTIMA DA SILVA	DA SILVA
Membrana	Erikson	Walla
Milho de Pipoca	Andréa Cristina	Milani Bueno
Miração	Cristhiane	Ferreguett
Mistério de Assassinato	Célio	Cecare
Monstro ataca novamente	Jair Paulo	Siqueira
Não esqueça de olhar para trás.	Júlia	Wehmuth Roth
Não tema o palco	Jamille	Correa dos Santos
NOITE DE AMOR EM SÃO CONRADO	Ariane	Guebel de Alencar
Noite em Porto Alegre	Andrei Marcelo	da Rosa
Nota de pesar a uma prostituta	Victoria	Lacerda

Nove meses	Carlos	Bubols
O Assassino	GUSTAVO	FORTES SAID
O banquete	Yuri	Sascha
O beijo	Letícia	Pereira Marcelino
O céu é um limite	João Pedro	Oseliero Xavier Giampietro
O coração dormindo sem ar	Eleonora	Fortunato Rodrigues
O Dançarino	Joaquim Lucas	Maciel Gonçalves
O dinossauro ainda estava lá	Carina	De Girolamo Falchi
O eco do oco	Gilcilene	Lourenço Elias
O Hotel	CHIRLES	OLIVEIRA
O jardim prometido	Sofia	Lopes
O Pêndulo	Sonia Cristina de Oliveira	Alves

O Pentagrama	Raimundo Erineu Melo	Melo
O PESCOÇO	Itárcio	Ferreira
O piloto	Rodolfo	Minari
O Poeta	Lindalva	Silva Quintino dos Santos
O Senador	Antonio	Puppim
O Super Café	Cleber	Arantes
O TROCO	Rodrigo	Marcon
O Último Canto	Dario	Garcia
O Voo	Andréa Cristina	Milani Bueno
OCORRÊNCIA	José George Cândido	Rolim
Onde leva a estrada	Joaquim	Henrique Oliveira Pixito

Órfão	Cynthia Renata	Gatto Silva
OS MENINOS	Ana Carmen	Palheta Alves
Peão	Joselma	Noal
Pedido	Valéria	de Lima Vianna
PELE DE LOBO	Gabriel	Ramalho de Farias
PESADELO	Marta	Freire Moreira
Pique-esconde divino	Diego	Soffritti Cardoso
plêiades	Valdir	Heitkoeter de Melo Junior
Putá	Carlos Alberto	Pereira Santos Júnior
Quem é você no fim do mundo?	Tiago	Menezes
Quem entende?	Soraya	Jordão Martins
Regressão	Ivenise	Nitchepureno

Rema Rema Remador	Hugo	Calvoso Pinto Homem
Rio	Cláudia	Roy
RIO DERRADEIRO	MARTA	SÓRIA ROLIM
Rotina	Thamara	Generoso
Saudade	José Paulo	de Paula e Silva
saudade	Ana Luiza	Alves de Mendonça Silvestri
Saudade da bagunça	Gilliam	Cândido
Se a morte vier me buscar, diga a ela que não vou!	Pablo Vinicius	Alves Pereira
Sem título	Luiz Francisco	Guil
Sem vida	Adriana	Corrêa
Sete cigarros	Vinicius	Gehling
Sinestesia	Emerson	Pagnussat

Solidão	Cláudia	Ardións Espasandin
Solidão?	Victor	Caldart
Solitária	Felipe	Carvalho
Sonho Que Não Sonhei	Júlia	Sáddi
Sonhos nas notas de um oboé	Luiz Gonzaga	Tessarine
Teimosia	Marison	Freitas
Teoria do Caos	Bruna Caroline	Pereira
TÉRMINO	Noemi	Prates Neves Pereira
TRADIÇÃO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE	CESAR AMÉRICO	BARREIRA CARDOSO
TRAJE DE FESTA	MARIA DAS DORES	OLIVEIRA
Tratamento Preventivo	Roseméri	Lorenz

Três amores	Ronaldo	Guimarães
Troca-troca	Wanderlan	Sambuc Neto
Último desejo	PEDRO RICARDO	GROSSI
Um ótimo dia para morrer um gato	Marina	Xavier da Silva
Uma Cena	Thomas	Ilg Gavinho
Varanda	Gabriela	Yared Stampacchio

# FINALISTAS

*...sem ordem de classificação*

# A cortina

*Rodolfo Minari*

Todo ano a mãe mudava a decoração do quarto do filho.

Deixava-o salvar duas coisas e uma delas sempre era a cortina.

Com o tempo, ficou velha. Ele continuou a salvá-la, ano após ano.

Hoje a mãe não ousa remover essa cortina e, sentada na cama do filho, observa seus rasgos, quando o outono vem.

# A dona da casa

*Paula da Costa Alemão Ferreira*

Ele compreendeu que, ao insistir naquela contenda, mesmo vencendo só lhe restariam ruínas. A árvore se apossara da casa, penetrara nos cômodos, rompera o soalho, destruíra os encanamentos e a parte elétrica. Olhava para ele e o desafiava, dizendo:

— Você não é ninguém com este machado na mão.

# A Eternidade e o Tempo

*Marcio Simão de Vasconcellos*

O Tempo fitou a eternidade com olhos inquisidores e afirmou: Sou formado por instantes e memórias tiquetaqueando em ritmos variados. Sou, para os homens, o aviso de sua mortalidade. E você? A Eternidade limitou-se a dirigir o olhar para dentro de si. Sou a morada na qual você se encontra, respondeu.

# A luz voltou

*Ronaldo Dória dos Santos Júnior*

“Mãe, essa vela não apaga”, disse o menino. “Como assim?”, espantou-se a mãe. Ela mesma assoprou, mas a chama manteve-se firme. Assoprou de novo. Nada. Assustada, lançou a vela num canto, depois jogou um balde d’água. Eles permaneceram o resto da noite em vigília, observando o fogo que ardia.

# A tanto poder, poda se espera

*Gabriel Ramalho de Farias*

Adentrando as ruínas do antigo palácio, o explorador encontrou sobre o altar uma triste árvore plantada no trono. Tinha joias como frutos, uma coroa em sua copa. Intrigado, furou-a e a seiva rubra era como sangue coagulado: de tanto apego ao posto, o rei havia criado raízes.

Dali só sairia tombado.

# Arca de Noé

*Maria de Aquino*

Os rios retornam aos seus leitos e não temos para onde voltar: o que restou da nossa casa está ancorado num barranco a cinco quilômetros; o cão perdido em algum abrigo; os porcos foram parar no alto da árvore desfolhada e a vaca, que se tornou sagrada, jaz em cima do altar que sobrou da igrejainha.

# Bebê

*Antonio Peyri de Albuquerque Cavalcanti*

Aldeia em alvoroço. Uma mãe em prantos sai pulando da sua oca. Por onde passa, todos viram a cara; crianças de gorro a seguem atirando pedras. Ela se afasta com seu pequeno fardo. No útero da floresta, ela abandona a sua cria. O bebê saci de duas pernas chora até ser devorado pelos animais noturnos.

# Conto do desencontro

*Marcelo da Silva Ribeiro*

A lâmina fria da palavra ríspida traspassa os lábios que ensaiavam rir, e o instante mágico que só um queria, desfaz-se.

Mas a folha em branco do papel, solícita, registra toda a ternura que se fez inútil.

# Delírio

*Marcos Nunes Loiola*

Severino não conseguia mais dormir, preocupado com os filhos, a esposa grávida, o gado e a plantação morrendo com a seca. Certa madrugada, Severino levantou-se e ficou de tocaia debaixo da árvore, com sua espingarda. Nos primeiros raios da manhã, saiu atirando em direção ao sol.

# Densidade

*Murillo Araujo Homem de Siqueira Freitas*

O elefante, quando passa, sombreia o capinzal. O menino ingênuo também:  
sua alma densa anuvia até mesmo a estepe mais extensa.

# Diamantes brutos

*Ovídio Poli Junior*

Em Lisboa e Amsterdã, joalheiros tentam a todo custo remover ranhuras e o torrão de terra que sempre vem com o diamante. Não se vê na lapidação ou no prisma do mineral o furor das lavras. Não se vê na lápide, sepulcral, o suor de Vila Rica — nem o sangue que se verteu no patíbulo.

# Eólo

*Roberto Klotz*

O vento zuniu persianas, espalhou papéis, ergueu a saia da minha mulher. Saiu batendo a porta violentamente como se o traído fosse ele.

# Esperança furtiva

*Loban Montes*

Sentou-se frente à porta, noite alta, decidido a esperar. Os únicos que passaram foram o sol, de manhã, e o gato, depois de comer. Em vão, esperou a esperança; até para ir ao banheiro era difícil — suspeitava que nessas horas a esperança entrava, furtiva, e saía sem nunca lhe dar satisfação.

# Fome

*José Paulo de Paula e Silva*

O pássaro voltou ao ninho trazendo uma linda borboleta azul. Como se fosse um broche, enfeitou com ela o bico de um dos filhotes. O adorno durou um átimo.

# Intuição

*Walmir Assunção Marques*

Um mundo todo embolado. Camisa azul do Inter. A maçã de Cinderela. No galo, o sino do bezerro. Muitos sonharam durante a tempestade.

Na manhã seguinte um cavalo estava no alto do telhado.

Ouviu-se um motor de barco entre os tratores.

# Lapsos

*Kaylane Freire Bento*

Vieram-me momentos que poderiam ter sido bonitos se eu admirasse a paz e a calma como admiro arte. Mas todas as minhas telas e lentes têm tons escuros e cortantes. São vermelhos latentes, azuis marinhos e tristes, verdes florestas profundos e jade quebrada. Cinzas empoeiradas e céus nublados.

# Massacre no Abacaxis

*Miguel Vita dos Santos*

Antes dos disparos, as janelas da comunidade ribeirinha exibiam girassóis em seus parapeitos. Depois, o flume era de superfície ora vermelha, ora amarela. Até que, no curso eterno do Rio Abacaxis, surge o primeiro corpo de cabeça coroada por pétalas louras em contraste com o miolo cor-de-burro.

# Navegar Impreciso

*Ulisses Sawczuk*

Arrastado pela corrente até o Atlântico, o barquinho de brinquedo partia a desbravar os mares. Longe dali, nas águas do Guaíba transbordado, o corpo de seu dono, o menino que sonhava em ser marinheiro, boiava frouxo.

# O condomínio

*Maria Paula Curto*

Casas de mesmo tamanho e estilo: concreto, aço e vidro. Tudo muito claro e iluminado. Segurança é a palavra de ordem. Há câmeras em toda parte. Captam qualquer movimento. Nada pode ficar de fora. Pessoas caminham pelas ruas arborizadas e assepticamente limpas. Sem pressa. Sem susto. Sem alma.

# O mártir

*César Ricardo de Andrade*

Um inocente foi enforcado diante de uma multidão enfurecida. Os netos de seus assassinos se envergonharam do crime de seus antepassados e o transformaram em um santo. Desde então, os novos condenados passaram a ser mortos em segredo para que não se ofendesse a memória daquela primeira vítima.

# O mofo

*Marisa Prates da Silva*

Num escuro de solidão chego vazia ao banheiro. Só a bexiga está cheia. Percebo a umidade a deslizar pela parede fria de azul desbotado. Uma chuva de pingo único desce do teto e acerta o meu ombro. Tenho companhia. Pergunto se lhe constrange o vazio. Com um rasgo de sarcasmo diz: abra a janela toda.

# O Pégaso sentado

*Rodolfo Zago Becegato*

Sentado, o entediado Pégaso escrevia. Sulcara um "v" no próprio casco no dia anterior raspando-o contra uma pedra e, com dificuldade, equilibrava a pena ali. "Se eu fosse um boi seria mais fácil!" Mas os bois escreviam sobre pastos e cercas e o Pégaso escrevia sobre montanhas e nuvens.

# O roxo do mar

*João Gabriel Lôbo*

Seu corpo e a água tornavam-se um só. Podia ouvir seus colegas gritando, pensava que queriam juntar-se a ele, mas não desobedeceriam a seus pais. Gritavam, acenavam e choravam. Ora, não podia ser diferente, seu amigo tornava-se um com as águas e a abertura em sua nuca tingia o azul de vermelho.

# O tempo é outro

*Geraldo Evilaçjo de Morais Morais*

A égua não permitiu que o cavaleiro montasse pelo lado direito de seu dorso. A ameaça do peão foi um recado para equinos, muares e asininos: “O tempo é outro. Neste país ninguém mais segue costume ou obedece lei. Saia da sua, pois do contrário vai ter de encarar o Curral do Concelho”.

# Partido ao Meio

*Miguel Vita dos Santos*

O balaço de um canhão dividiu-o em duas partes: a de cima, que o idealizava, e a de baixo, que o levava. O nariz sentia o perfume na nuca, mas nem imaginava o odor de putrefação nos pés.

Apartaram-se certo fim de tarde chuvoso, na linha dos hemisférios. Uma metade cansada de carregar a outra.

# Pequena fábula do homem

*Arthur Dantas*

Venderam a liberdade do doce bem-te-vi, que embora engaiolado levava a vida à toa. Ele olhou para minha tristeza e amargura e riu:

— Meu senhor, não é tendo pena que se voa.

## *Post mortem colloquium*

*Karina Manuela França do Nascimento*

Andavam pela rua enegrecida, descalços, dois finados literatos. Discutiam:

— Com quantos loucos monta-se um hospício?

— À mesma medida que monta-se um cemitério com cadáveres.

— E com quantas poesias monta-se um poema.

O silêncio deu vida à resposta.

# Preconceito

*Rui Trancoso de Abreu*

Espantou-se a colmeia ao descobrir que a filha da rainha era zangão. Não suportava o cheiro e sabor de mel. Foi difícil convencê-lo que não poderia virar borboleta. O clima piorou ao decidir operar o ferrão e descobrirem que era diabético.

# Primogênito do gado

*Odilon Machado Junior*

Bezerro com um ano de vida, Asafe o abraça e beija e murmura que não! Com a agulha grossa, cega-lhe o olho esquerdo, para com o direito poder contemplar a Deus. Defeituoso, o garrote não poderá ir a sacrifício, como reza a Lei, mas continua prometido ao Senhor.

# Quando a dor não é de gritar

*Patricia Retti*

Acendeu. Tragou três vezes. Tragou de novo e olhou a brasa pulsante. Soltou a fumaça, segurando o cigarro nos dedos, virou-o para si e assoprou, deslumbrada. Olhou pro filtro. “Hoje não passei batom”. Bateu a cinza e encostou a brasa no braço. Não era dor. Encostou de novo e de novo, até ser dor.

# Redemoinho

*Caio Girão*

Mesmo sem areia na ampulheta, ela continuava a virá-la. Por esperança ou loucura. Contava estrelas, desenhando constelações nas paredes de sua casa, cada uma com o nome de um amor perdido. Na última estrela, o céu desabou feito areia. E, no meio do redemoinho, nem o tempo se salvou.

# Solastalgia

*Francilma Ronetia Barbosa Marinbo Everton*

Desde 2019, o patrão ordenava: “Gado aqui, soja acolá.” As motosserras rugiam. Minha esposa doente precisava do leite de janaúba. Mas cadê as ervas? Cadê a floresta? A solastalgia nos consumia. Em 2024, a lama e a enchente levaram tudo. Sem floresta, perdi esposa e lar. Estou em crise e sem clima.

# Sustenido

*Caio Marcelo Sabadin Adão*

— Paciência, bem — três toques no cigarro sobre o cinzeiro. — Pessoas são como lápis: cada desapontada, um estrago para afinar de novo. E nunca ficam igual a antes. Parece até que encolhem.

# Tempo bom

*Atbos Ricardo*

Desce pelo córrego uma alegre afluência de fadas-cacau. Vêm numa valsa tranquila, com piruetas arqueadas, trocas de parceiros e olhares eufóricos. Aruã dança também, para não perturbá-las. Vê-las tão mansinhas é alentador, pois fadas entendem do clima – e afastam mosquitos. Terminou-se a tempestade.

# Vento-memória

*Henrique Alves*

Tudo se dissipa numa velha e seu cachorro. Na beira da estrada, de trouxa empoeirada, ela num toco, ele a seus pés, o tempo passando parado. Faz-lhe um agrado.

A espera diária, a conversa invisível, a saudade impossível, uma nuvem talvez de agosto, que se espalha e se acaba num cachorro e sua velha.

# Veredito: Culpado

*Luíza Elena Januário*

As mãos dele eram as culpadas. Culpadas pela queda de impérios. Culpadas pelo sangue derramado. Culpadas por empurrar outros do precipício. Culpadas por omissão. Mas ele jamais alegaria insanidade. Ninguém nunca poderia lhe roubar o que suas mãos fizeram. A caneta era a prova de que ele era deus.

# Vícios

*Beatriz Fernanda Alves Barbosa*

As pontas dos dedos coçavam e a dor de cabeça era a única certeza do seu dia.

— Alice, venha logo — o pedido a despertou de seu estupor; o seu nome sempre era proferido com tanto carinho pelo rapaz.

Ele era o seu novo vício.

E ela não o deixaria sumir como a fumaça dos cigarros que antes usava.

# Xeque-mate

*Geraldo Ferreira da Silva*

Séculos atrás, um Rei receoso deu poder à Rainha. Oito soldados como seguranças, cavalos pretos e brancos na ronda e duas torres como guaritas. Bispos na corte, após seu laço com o clero. E para satirizar seu reinado, mesmo temendo a força, criaram um pacto e um jogo para cada cérebro.

# PRIMEIROS COLOCADOS

*... em ordem de classificação*

## 3° LUGAR

# O fim do mundo

*Lindjane dos Santos Pereira de Medeiros*

Tomei banho e vesti minha melhor roupa para esperar o fim do mundo. Todos os segredos do universo revelados num evento universal. Os ricos rasgavam dinheiro, os pobres desfrutavam de banquetes, paixões escondidas se revelavam e, como nada mais fazia sentido, a vida tornou-se extremamente lógica.

## 2° LUGAR

# O crucifixo

*Eduardo Di Bernardi de São Thiago*

A mão segurou o crucifixo. Era dourado e frígido: o abismo entre Deus e os seres. Mas ele agora tinha Deus em mãos. Olhou-o como se fosse possível amá-lo com enxaqueca — Ele o vertiginava; Ele, em si, era terrível. A mão apertou-O, a espremê-Lo do crucifixo: queria Deus porque Ele era distante.

# 1º LUGAR

## O filho de Sócrates

*Pedro L. Alves de Brito*

O homem sentado no trono do topo da torre de átomos ouvia as engrenagens tralharem.

Conceitos lhe devoravam os instintos, razões justificavam a sua ira, palavras o cegavam.

— Chega! — urrou aos céus.

Nem o eco respondeu.

Dionísio fora assassinado e o homem estaria para sempre aprisionado pelo verbo.